

*A escrita de si através do corpo:
O Corpo em que Nasci, de Guadalupe Nettel*

The writing of the self through the body:
“The body in which I was born”, by Guadalupe Nettel

Mônica Saldanha Dalcol

UFSM

Anselmo Peres Alós

UFSM

DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/2176148530834>

Resumo: o presente trabalho consiste em uma leitura crítica do romance *O corpo em que nasci*, de Guadalupe Nettel, a partir da “escrita de si” e da perspectiva de gênero. A narrativa está centrada na formação da identidade da protagonista a partir do próprio corpo, marcado desde o nascimento por “imperfeições”, pela descoberta da sexualidade e por diversos mecanismos que pretendem corrigi-lo e adequá-lo à normalidade.

Palavras-chave: Guadalupe Nettel. O corpo em que nasci. Gênero. Violência.

Abstract: this paper aims at analyzing in a critical way the novel *The body in which I was born*, by Guadalupe Nettel, discussing the writing of itself and from the perspective of gender. The narrative is centered in the formation of the protagonist’s identity from her own body, marked by “imperfections”, by the discovery of sexuality and by several mechanisms that seek to correct it and adapt it to normality.

Keywords: Guadeloupe Nettel. *The body in which I was born*. Gender. Violence.

Resumen: ese trabajo es un análisis crítico de la novela *El cuerpo en que nací*, de Guadalupe Nettel, a partir de la escritura de sí mismo y la perspectiva de género, ya que la narración se centra en la formación de la identidad de la protagonista partiendo del cuerpo, marcada desde su nacimiento por “imperfecciones”, por el descubrimiento de la sexualidad y los diversos mecanismos que tienen como objetivo corregirlo y adaptarlo a la normalidad.

Palabras-clave: Guadalupe Nettel. El cuerpo en que nací. Sexo. Violencia.

Mônica
Saldanha
Dalcol

Anselmo
Peres Alós

156

Introdução

A tradição da escrita de si e da escrita confessional remonta ao período de ascensão da burguesia e de sua ênfase no indivíduo. É através do olhar voltado para a consciência individual que se torna possível a escrita de si. Para Foucault, essa forma de escrita faz com que o ato de escrever seja um modo de apresentar-se aos outros; assim, o ato da escrita torna-se uma estratégia da constituição de si; além disso, ela é uma espécie de ferramenta para agir sobre si mesmo, através do próprio cuidado de si. Deste modo, ela não é apenas o registro do eu, mas performativiza a noção de indivíduo, marcado pelas características típicas do final do século XX: um sujeito necessariamente não essencial, incompleto e constantemente suscetível à autocriação. No romance *O corpo em que nasci*, de Guadalupe Nettel, investigaremos o modo como a narrativa torna-se constitutiva do processo de formação do próprio sujeito ficcional.

O romance da escritora mexicana Guadalupe Nettel, *O corpo em que nasci*, publicado em 2011, no México (com tradução para o português publicada no Brasil em 2013), é inspirado na própria infância da autora. Narrado em primeira pessoa, o romance conta a história de uma menina portadora de uma deficiência no olho, fato descrito já na abertura do romance:

Nasci com uma auréola branca, ou o que os outros chamam de mancha de nascimento, sobre a córnea do meu olho direito. Não haveria tido nenhuma relevância de não ter sido porque a mácula em questão estava em pleno centro da íris, ou seja, bem em cima da pupila por onde deve entrar a luz até o fundo do cérebro. Nessa época, não se praticavam ainda os transplantes de córnea em crianças recém-nascidas: a mancha estava condenada a ficar aí por muitos anos (NETTEL, 2013, p. 13).

As consequências de ter uma “mancha” no olho serão conhecidas pela protagonista logo na sua infância, já que a deficiência fez com que a menina usasse um tampão no olho “normal”, na tentativa de estimular o olho deficiente, fazendo com que ela passasse a infância enxergando o mundo como um “borrão”. O desenvolvimento de sua infância se dá entre o México e a França, especificamente na década de 1970. O ambiente familiar e o contexto histórico da época permitem à narradora-protagonista uma experiência prematura de como, efetivamente, funciona o

mundo dos adultos. Sendo filha de pais marcados pelo pós-guerra, em um período de efervescência de novas configurações nas relações sociais e familiares, não há espaço para a fantasia própria e necessária à infância; os esforços são todos canalizados para a correção das “imperfeições”, e, assim, a menina não é apenas submetida às inúmeras consultas ao oftalmologista, mas também ao ortopedista, para corrigir a sua postura, o que lhe rendeu o apelido de *barata*. O apelido é dado pela própria mãe. A relação estreita entre a protagonista e sua mãe está bastante presente na fase da sua pré-adolescência, já que é para a mãe que ela leva suas inquietações relacionadas aos fatos que compõem uma vida adulta ou fatos que parecem, até o momento, inexplicáveis. Uma das passagens mais marcantes é quando ela procurou saber mais sobre reprodução e sexo, e a mãe explica a ela que nem sempre sexo é sinônimo de reprodução, mas que ele pode ter como finalidade exclusiva o prazer:

Comer chocolates! Com uma resposta assim, o mais provável era que uma menina desejasse fechar-se esta manhã mesmo no banheiro do colégio com o primeiro homem que encontrasse em seu caminho. Porque *não lhes ocorreu responder*, doutora Szlavski, que as relações sexuais se têm por amor e que são uma forma alternativa de demonstrá-lo? Talvez teria sido um pouco mais preciso e menos inquietante, não lhe parece? (NETTEL, 2013, p. 28).

O descontentamento da protagonista com o comportamento da mãe não se deve apenas ao fato de ouvir algumas respostas que, posteriormente, ela julgará como negativas para os ouvidos de uma pré-adolescente, mas também à excessiva necessidade de corrigir as “imperfeições”¹ do seu corpo. Quanto aos outros integrantes da família, o irmão não tem presença marcante na narrativa; já o pai exerce uma influência maior e tem presença marcante na narrativa. Outra figura bastante presente na vida da menina é a avó, principalmente no momento em que a mãe obteve uma bolsa de estudos do governo francês, e ela e o irmão passam a viver com essa avó, no México. A avó é a personificação do conservadorismo, que até então não havia marcado presença na vida da protagonista.

1 “Mas a vista não era a única obsessão em minha família. Meus pais pareciam tomar a infância como uma etapa preparatória em que devem ser corrigidos todos os defeitos de fabricação com que chegamos ao mundo e levavam essa tarefa seriamente” (2013, p.17).

Mônica
Saldanha
Dalcol

Anselmo
Peres Alós

158

Entre as leis domésticas severamente levadas a cabo pela avó em sua peculiar pedagogia doméstica, estava a “lei do gelo”, que consistia em negar a existência da própria neta, quando essa realizasse alguma ação condenável pelo olhar severo e atento da avó. A sua relação com a avó é marcada pelo distanciamento², que fica evidente quando a menina conta que, durante toda sua infância, ganhou apenas dois beijos da avó³. A atmosfera que circunda sua infância e parte da adolescência aparece no romance apenas como uma cidade do México. Reside com a família em um bairro de classe média, onde ocorre um fato importante na sua vida, e onde desenvolve a sua primeira relação de amizade, com a vizinha Ximena. A peculiaridade dessa primeira amizade, marcante para a protagonista, é que ela baseia-se exclusivamente no silêncio; o afeto destinado a Ximena tem como *performance* apenas o olhar, é somente através da troca de olhares pela janela que ela e Ximena constituem um laço afetivo. Já na França, quando ela deixa a avó e vai morar com a mãe em um subúrbio em Aix-en-Provence, são descritas algumas experiências marcantes da protagonista, como o primeiro beijo e as novas relações de amizades que surgem na nova escola. Uma das experiências mais tortuosas é, certamente, a tentativa de estupro sofrida pela protagonista, que ocorre no acampamento de férias.

A questão da violência de gênero está bastante presente na narrativa, seja na explícita tentativa de estupro no acampamento, seja no momento em que a protagonista escuta, através da porta de casa, a sua vizinha narrando o estupro da própria filha. Neste momento, ela percebe que as mudanças no comportamento de Yanina estavam relacionadas com o abuso sexual:

2 Martín (2013) destaca que a protagonista não afronta diretamente a avó, mas encontrará algumas maneiras de escapar dessa opressão: “[l]a protagonista, en su condición infantil, no puede oponerse a las reglas que la abuela le impone y debe adecuarse a ellas de muchas maneras como, por ejemplo, incorporar a su atuendo vestidos con encaje y zapatos de charol. El confinamiento a la casa, es decir al espacio privado, es otra de las improntas de las que no puede escapar pues se encuentra sujeta a su autoridad. No obstante, esto no implica que no exista una resistencia pues ante la imposición del poder de la abuela, se crean mecanismos de contestación. Entre ellos destaca el hecho de que la protagonista desquite su ira jugando al fútbol, así como el desafío constante a la autoridad al hacer lo opuesto a lo que la abuela desea. De esta forma el poder autoritario de la abuela es contestado con una serie de conductas contrarias a lo que la protagonista usualmente manifestaba” (MARTÍN, 2013, p. 49).

3 Um dos momentos de maior proximidade entre as personagens é quando a avó empenha-se para que a neta possa continuar jogando no time de futebol. Ela escreve uma carta de reclamação ao diretor do clube esportivo: “sua reação foi totalmente inesperada, ao menos para mim. Em vez de me recriminar porque eu continuasse interessada neste jogo selvagem e para meninos, como havia feito toda tarde desde sua chegada em casa, escutou com interesse o relato de minha visita ao escritório do clube e, quando terminei, se ofereceu para me ajudar” (NETTEL, 2013, p. 91).

Yanina nunca mais voltou a ser mesma. De uma menina sedutora e extremamente feminina, começou a refugiar-se em uma roupa larga e em uma cara de poucos amigos. Poucos meses depois, cortou o cabelo como um menino e começou a engordar como se quisesse esconder debaixo da gordura as formas prematuramente desenvolvidas de seu corpo. Poucos meses depois, sua família se mudou para um conjunto menor e com mais segurança (NETTEL, 2013, p. 39).

A violência de gênero aparece de dois modos específicos: por um lado, de uma forma mais sutil, através da diferença de tratamento por parte da avó, entre ela e o irmão; por outro, de modo mais enfático e explícito, através da violência corporal. A temática da violência de gênero na literatura ganha destaque principalmente a partir da década de 1970, sendo contestada principalmente através da literatura de autoria feminina do período. Constância Lima Duarte, por exemplo, identifica que há dois tipos de violência: a *simbólica* e a *física*, e que ambas sugerem releituras da violência para expor o avesso do cotidiano feminino (DUARTE, 2010, p. 229). A violência é onipresente na narrativa do romance de Guadalupe Nettel, já que toda construção da identidade da protagonista parte, em um primeiro momento, no reconhecimento desse corpo feminino, marcado pelas suas memórias e lembranças de um corpo violentado (seja através de uma violência verbal, a partir dos apelidos da infância, seja através da própria estrutura física de seu corpo, como algo estranho e diferente no mundo).

O retorno do autor

Diana Klinger, em seu livro *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica* (2007), afirma que o paradoxo da literatura na América Latina é, necessariamente, marcado pela problemática da primeira pessoa autobiográfica. A escrita é compreendida “como uma noção contemporânea da subjetividade, isto é, um sujeito não essencial, incompleto e suscetível de autocriação” (KLINGER, 2007, p. 22). A problematização de um sujeito marcado pela pós-modernidade aplica-se não somente à protagonista do romance de Nettel, mas também aos outros personagens que ocupam o espaço narrativo de *O corpo em que nasci*. O romance, narrado no divã de uma psicanalista (a doutora Szlavski), constitui o espaço discursivo em que a protagonista vai construindo a

A escrita de si através do corpo: O Corpo em que Nasci, de Guadalupe Nettel

159

Mônica
Saldanha
Dalcol

Anselmo
Peres Alós

160

sua própria identidade. Porém, o exercício parece deveras solitário, já que não há, em nenhum momento, a interferência da doutora; a cada relato, há como contrapartida apenas um silêncio, o que gera a sensação de se estar ali dentro do próprio consultório.

A marca da narrativa pós-moderna é evidenciada por dois aspectos centrais: o primeiro pelo contexto histórico das décadas de 1970 e 1980, descritos como o cenário temporal em que se situa a infância e a adolescência da protagonista, como afirma Villa Lobos, “marcado pela efervescência das experimentações sociais, dos regimes totalitários e da crise econômica” (2011, p. 221). O segundo aspecto diz respeito à configuração desses sujeitos: inseridos nessa atmosfera, eles não possuem uma identidade fixa. Pelo contrário, são instáveis. São seres humanos marcados por uma vida fragmentada, atravessados pela finitude da existência e pelo absurdo, em que tais fragmentações refletem-se não somente nos próprios indivíduos, mas também no mundo pós-moderno, marcado pela perda das verdades imutáveis, como os conceitos de *humanidade* e de *Bem*.

Nesse cenário fragmentando, toda a construção da subjetividade da protagonista se constitui nas relações estabelecidas ao longo da narrativa com os outros personagens (como, por exemplo, nas ações de receber o seu primeiro apelido de “baratinha”, dado pela mãe na infância, ou seja, na descoberta da adolescência de ser uma *outsider*). Como a narrativa inicia-se na infância da personagem e desenvolve-se acompanhando o seu percurso até a fase adulta, a própria formação de si mesma como pessoa acompanha esse movimento cronológico, iniciando-se com a descoberta dolorosa de ser um corpo passível de correção, a partir do olhar dos pais, até a sua completa redenção e, finalmente, a aceitação na fase adulta; tal movimento leva-nos a perceber também que o romance abarca elementos presentes no romance de formação. O romance de formação tem sua origem na literatura alemã do século XX, através do romance de Goethe, *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (1795-1796). A narrativa do romance de formação está centrada na visão de um mundo subjetivamente vivenciado e na exploração da psique do indivíduo e, além disso, em um conteúdo que comunica uma forma específica de conhecimento centrado.

Nas palavras de Villa Lobos, o livro de Nettel realiza o exercício terapêutico da escrita como o caminho necessário para a libertação e a autoafirmação, o que no caso da protagonista é, necessariamente, o retorno a si mesma, o que significa a aceitação absoluta do corpo que foi sendo moldado no decorrer da narrativa. Essa aceitação pode ser con-

firmada no momento da identificação da protagonista como sendo uma *outsider*: “tinha decidido sublinhar minha excentricidade que de outra maneira poderia passar por uma questão involuntária e, portanto, incontrolável. Assumi-la era, por um lado, uma demonstração de força” (NETTEL, 2013, p. 202).

O status representativo do corpo

O ponto de partida da protagonista é, necessariamente, o corpo. Esse corpo que vai adquirindo forma a cada história narrada. A representação acerca de si mesma e do mundo ao seu redor depende e perpassa esse corpo. Assim, afirma-se a visão irreduzível da *corporalidade*. Desse modo, não é o *cogito* cartesiano que fornece a possibilidade de saída do solipsismo, isto é, não é o *cogito* que assegura a sua relação com o mundo, nem mesmo consigo mesma, mas, sim, o corpo marcado pela “anormalidade”. É ele que assegura as inúmeras possíveis relações com o mundo, no sentindo forte da máxima fenomenológica de Merleau-Ponty, segundo a qual primeiro sentimos: “todo o conhecimento, todo o pensamento objetivo vivem desse fato inaugural que eu senti” (1991, p. 184).

Dessa maneira, o corpo⁴ possui um *status* metafísico, isto é, ele não é apenas um apêndice que compõe o ser humano (como pensou boa parte da tradição racionalista moderna), mas sim a possibilidade de abertura para o mundo. O corpo é puramente *congoscibilidade*, já que ele é o ponto de partida para o enigma de si e do mundo⁵.

Marín (2013) observa que o corpo⁶ é o lugar que formará a identidade da protagonista, primeiramente na infância, sendo visto como inválido e frágil. O corpo também é o lugar comum de todos os outros personagens; nota-se isso quando há uma descrição detalhada dos seus aspectos físicos. No que diz respeito especificamente à menina protagonista, a sua primeira experiência de reconhecimento de ter um corpo feminino aparece logo cedo na narrativa, seja a partir da experiência da masturbação nas escadarias, seja através da descoberta de si através do esporte. Esse corpo, por ser feminino, é marcado pela dor, como, por exemplo, na ocasião da experiência dolorosa, quando a bola de futebol é arremessada contra os seios da protagonista, ainda adolescente. Ou-

4 O corpo passa a ser objeto de análise na Filosofia a partir da filosofia da vida e da fenomenologia.

5 Concepção desenvolvida por Schopenhauer em O mundo como vontade e como representação.

6 Marín destaca que as últimas produções com relação ao debate de gênero têm concordado a respeito do caráter simbólico e convergido do corpo.

Mônica
Saldanha
Dalcol

Anselmo
Peres Alós

162

tra experiência marcante ocorre na adolescência, através da subjugação desse corpo feminino na tentativa de estupro ocorrida no acampamento. Porém, o corpo não é apenas lugar-objeto de opressão e de dor; ele também passa a ser um veículo de resistência, como, por exemplo, através das intervenções da avó, colocando em prática a sua “lei do gelo”, utilizada quando a menina tinha um comportamento reprovável e ia dormir com fome. Outro exemplo desse aspecto de resistência passa também pela aceitação, na adolescência, quando a protagonista percebe que o seu aspecto físico não corresponde ao padrão estético da época, representada, por exemplo, pela Madonna, o ícone da música *pop* da década de 1980. É nesse momento que a adolescente assume a sua própria identidade como *outsider*, a partir, por exemplo, do investimento em roupas marcadas pela moda *hippie* dos anos 1970.

Os outros personagens também terão as suas identidades, primeiramente, definidas a partir do corpo, recebendo também o *status* de *outsiders*. Se, por um lado, a protagonista experimenta, a partir de um sentimento de estranheza, o não-pertencimento ao parâmetro de uma normalidade pretensamente geral, por outro lado, os personagens “estranhos” servirão como modelos no processo de identificação da protagonista, e a sua estranheza encontra similitude com os outros corpos que a circundam:

Pouco a pouco fui me dando conta que a amizade com Sophie incrementava o respeito dos demais estudantes sobre a minha pessoa. Algo eu devia ter para que essa garota, mais madura e mais rica que o resto, me tivesse escolhido entre todos, algo que ninguém tinha descoberto até então e subitamente lhes interessava saber. [...] Foi a primeira vez que vi os seus braços descobertos, cheios de cicatrizes e rastros de picada (NETTEL, 2013, p. 164).

Para Marín (2013), o corpo feminino tem estado sempre à margem do poder, pois esteve sempre ligado às funções reprodutivas, o que não permitiu que as mulheres adquirissem uma expressividade de modo efetivo (já que o corpo tinha a sua “função” restrita à questão meramente biológica ou fisiológica). Essa restrição foi massivamente criticada já na década de 1950, principalmente com a publicação de *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir:

Não se nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo. [...] Até os doze anos a menina é tão robusta quanto os irmãos e manifesta as mesmas capacidades intelectuais; não há terreno em que lhe seja proibido rivalizar com eles. Se, bem antes da puberdade e, às vezes, mesmo desde a primeira infância, ela já se apresenta como sexualmente especificada, não é porque misteriosos instintos a destinem imediatamente à passividade, ao coquetismo, à maternidade: é porque a intervenção de outrem na vida da criança é quase original e desde seus primeiros anos sua vocação lhe é imperiosamente insuflada (BEAUVOIR, 1967, p. 9-10).

*A escrita de
si através do
corpo: O Corpo
em que Nasci,
de Guadalupe
Nettel*

163

A célebre passagem de *O segundo sexo* é até hoje revisitada pelas feministas para desmistificar a noção de uma “essência” feminina. A filósofa francesa utiliza como aparato conceitual o existencialismo, que nega qualquer tipo de essência humana: a saber, os seres humanos são definidos, exclusivamente, a partir de suas próprias escolhas e experiências. No que diz respeito às mulheres, tudo aquilo que historicamente foi atribuído como essencial e constitutivo de uma identidade feminina não passa de uma construção conceitual realizada através do oposto do que é concebido como pertencente ao campo do *masculino*. Desse modo, Simone de Beauvoir define que a história das mulheres é uma história da “outra”, pois elas são definidas a partir de tudo aquilo que não cabe à figura masculina, vista como viril e racional. Posteriormente, na década de 1970, a reflexão a respeito da definição da mulher a partir das questões biológicas é novamente questionada pelas teóricas feministas, como, por exemplo, Elisabeth Badinter, que problematiza o aspecto biológico como formativo e definidor do que significa ser mulher:

Mônica
Saldanha
Dalcol

Anselmo
Peres Alós

164

Ao fazer da diferença biológica o critério supremo da classificação dos seres humanos, fica-se condenado a pensá-los em oposição um ao outro. Dois sexos, logo duas maneiras de ver o mundo, dois tipos de pensamento e psicologia, dois universos diferentes que permanecem lado a lado, sem jamais se misturar. O feminino é um mundo em si, o masculino é outro, e eles dificultam a travessia das fronteiras e parecem ignorar as diferenças sociais e culturais. Ao deduzir o feminino da capacidade materna, define-se a mulher pelo que ela é, e não pelo que escolhe ser. Inversamente, não há uma definição simétrica do homem, sempre apreendido pelo que faz, e não pelo que é. O recurso à biologia concerne unicamente à mulher. O homem nunca é definido por sua capacidade paterna nem pela importância de seus músculos. A mulher é imediatamente lastreada em seu corpo, enquanto ele se liberta disso. A maternidade é seu destino, ao passo que a paternidade é uma escolha (BADINTER, 1985, p. 23).

Badinter explicita de forma clara que há um fatalismo presente na definição da identidade feminina a partir do recurso biológico; visto que a maternidade é posta como um destino, não cabe a possibilidade de escolha, como ocorre com os homens, ao quais podem optar ou não pela paternidade. Esse “mundo feminino” é definido, sempre, a partir dessa dimensão corporal. Ele constituiu historicamente o traço essencial para se pensar *o que é uma mulher*; isto é, a maternidade constitui e define o que compreendemos por mulher.

Na contemporaneidade, o aspecto discursivo do corpo é bastante problematizado no campo da filosofia e das teorias feministas, principalmente através do pensamento de Judith Butler. Partindo de sua compreensão de gênero como *performatividade*, para a filósofa os corpos são discursivamente construídos, o que não significa que a importância material deles seja descartada, mas sim que essa dimensão material está situada e somente se desenvolve a partir de um contexto social⁷.

Para retomar a importância do corpo, especificamente no romance de Nettel, parte-se da construção da própria narrativa, já que a história descrita é, em última instância, a história do próprio corpo da

7 “O feminino é uma coisa temporária e, portanto, desprovido de vida e forma, que não pode ser nomeado” (BUTLER, 2002, p. 92).

protagonista, que vai adquirindo forma no desenvolvimento do romance. Martin (2013) destaca que há três traços fundamentais nesse corpo que ganha forma: o *gênero*, a *infância* e a *enfermidade*. Porém, o que define a personagem desde o início da história é o traço da enfermidade e, conseqüentemente, o que a constitui como um ser diferente dos demais. Marín afirma que “a segregação se dá a partir da separação entre o sadio/enfermo, o normal/anormal, o feio/o belo” (2008, p. 46).

A relação entre o *feio* e o *enfermo*, assim como entre o *belo* e o *sadio*, surge logo na infância. A marginalização da protagonista ocorre tanto no ambiente escolar como no ambiente familiar, principalmente a partir do apelido *Baratinha*, dado pela mãe. A forma como essa lembrança fere a personagem fica evidente na queixa relatada à doutora Sazlavski:

Minha mãe adotou como um desafio pessoal a correção de minha postura, à que se referia frequentemente com metáfora de animais. Deste modo que, a partir de então, além dos exercícios para fortalecer o olho direito, incorporaram à minha rotina diária uma série de alongamentos para as pernas. Tanto parecia chamar a sua atenção essa minha tendência ao reconhecimento que acabou encontrando um apelido ou “nome carinhoso” que, segundo ela, correspondia perfeitamente à minha maneira e caminhar.

- Barata! – gritava a cada duas ou três horas – arruma essas costas! Baratinha, é hora de começar a atropina.

Quero que me diga sem dissimulações, doutora Sazlavski, se um ser humano pode sair incólume de semelhante regime (NETTEL, 2013, p. 18).

Nesse ambiente familiar que visa à correção de qualquer espécie de “defeito”, surgem as contradições entre o discurso e a prática de seus pais, com destaque para a figura materna, quando a filha relata sua recente descoberta de um novo sentido para o seu corpo através da masturbação. Esse corpo deixa de ser apenas passível de correção e de dor para abarcar também o aspecto do prazer:

Aconteceu durante umas férias em que fazia muito calor. Uma das minhas brincadeiras favoritas consistia em subir aos pulos, de dois em dois, os degraus de barro e descer deslizando no corrimão de ferro. Era algo que tinha praticado muitas vezes, mas

*A escrita de
si através do
corpo: O Corpo
em que Nasci,
de Guadalupe
Nettel*

165

de maneira bastante inócua. Entretanto essa tarde, por um a razão que não saberá explicar, a sensação e revelou surpreendentemente agradável. Era como uma cócega, bem acima do meio das pernas, que exigia repeti-lo uma e outra vez, cada vez mais rápido (NETTEL, 2013, p. 35).

Mônica
Saldanha
Dalcol

Anselmo
Peres Alós

166

O relato dessa primeira experiência da sexualidade do corpo, aos seis anos de idade, ao ser compartilhado com a mãe, não tem a reação esperada pela protagonista: “sua reação foi muito mais próxima à vergonha do que da celebração e, como se tratava de algo reprovável, me pediu que eu fizesse ‘isso’ unicamente no meu quarto” (NETTEL, 2011, p. 36). Da mesma forma que ela descobre sozinha que esse corpo feminino é suscetível ao prazer, ela também se depara com a vulnerabilidade de um corpo feminino, na medida em que ele pode, através do sexo, ser também machucado. Essa experiência prematura da personagem é adquirida através da descoberta de que sua amiga, Yanina, havia sido abusada sexualmente:

Minha mãe a convidou a sentar-se na sala com muita doçura e lhe ofereceu um chá, enquanto me pedia de modo taxativo que fosse brincar no meu quarto. Pouco a pouco, entre soluços e frases indiretas que consegui escutar do corredor, a vizinha foi contando que no dia anterior, no jardim onde eu ia dar banho às bonecas, um empregado da limpeza havia “abusado” de sua filha Yanina em plena luz do dia. Nesse momento não entendi a maneira como haviam ocorrido essas coisas, o que entendi é que tinham feito algo horrível e irremediável à menina (NETTEL, 2011, p. 38).

Todas as experiências mais significativas para a formação do *si mesmo* da protagonista como sujeito de um corpo feminino são mediadas pela enfermidade, pela imperfeição, pelos valores familiares contraditórios e pelo contexto social, seja como mexicana em seu país natal ou como imigrante na França. Por fim, apesar de todas essas mediações que formam esse corpo feminino marcado pela enfermidade, também é possível um outro olhar com relação a ele, em que o “defeito” passa a ter um aspecto positivo, e pelo menos no que diz respeito à afetividade: em um período marcado pelos resíduos traumáticos da ditadura, há espaço para o afeto.

A deficiência como abertura para o afeto: o agir moral

Judith Butler, em *Relatar a si mesmo*, busca resolver o problema monumental da ética – “como eu devo agir?”⁸ ou “o que eu devo fazer?”. Tal resposta só é possível, segundo Butler, através de uma reconstrução e de um novo sentido para o sujeito⁹, enfatizando, principalmente, a necessidade de conhecimento do mundo social que nos precede e nos molda, a ponto de não sermos capazes de nos apreendermos inteiramente. Desse modo, o sujeito presente aqui é marcado pela opacidade e pela vulnerabilidade, que vai de encontro à caracterização de sujeito resultante da pós-modernidade. Butler propõe como via possível para a moralidade “a experiência do outro, sob a condição de termos suspenso o juízo” (BUTLER, 2015, p. 27), o que possibilita uma real reflexão acerca da “humanidade do outro” (BUTLER, 2015, p. 27).

As relações estabelecidas pela protagonista ao decorrer do romance, e como elas configuram através do ficcional a premissa descrita por Butler, sinalizam a possibilidade de uma experiência com o outro, sem o reduzir a uma categoria única. A forma especial como a protagonista vê o mundo é o que possibilita, segundo Villa Lobos, uma “ética da marginalidade” (2013, p. 222). Esse modo de “ver como” só se faz possível mediante a condição da própria personagem. Dessa maneira, o “olho defeituoso” faz com que ela tenha uma experiência da estranheza, mas também é ele que permite, desde o início do romance, um olhar afetuosamente para a “anormalidade”. É o olho enfermo que faz com que ela “enxergue” e reconheça os outros *outsiders* que circundam o seu próprio mundo, seja na descoberta dos rostos das crianças exiladas, seja ao captar na janela o olhar desesperador e adoecido de

*A escrita de
si através do
corpo: O Corpo
em que Nasci,
de Guadalupe
Nettel*

167

8 A tradição filosófica, de modo geral, esteve concentrada em uma imagem reducionista da vida moral, apresentada pela visão intelectualista (que descreve o agente da ação moral como transparente). Porém, ressaltando o contexto social em que estão inseridos os personagens e nós mesmos, marcados pela lembrança de duas guerras mundiais e a experiência desastrosa com os regimes totalitários, afirmamos que no contexto da vida prática não encontramos nenhuma transparência em relação às escolhas que os seres humanos precisam fazer para ter uma vida moral. Além disso, do ponto de vista propriamente ético, historicamente tudo que escapa à categorização da norma masculina, branca, heterossexual, judaico-cristã e eurocêntrica costuma ser excluído de um sistema moral, colocando em cheque a idealização universal, uma vez que deixa à margem do sistema moral uma série de indivíduos.

9 A filósofa Iris Murdoch também trabalha a importância de re-pensar esse sujeito. Afirma Murdoch, criticando a tradição canônica, que “[o]s filósofos têm se enganado ao buscar uma definição única de moralidade. Para aprimorar sua análise, a filosofia moral deveria ponderar as diferenças considerando as diversas formas de vida e não tentar encontrar uma forma única por trás das distintas visões” (MURDOCH, 1997, p. 97).

Ximena¹⁰ ou até mesmo nas noites de choro ao descobrir o estupro da Yanina¹¹.

Considerações finais

A impossibilidade de habitar o mundo em *O corpo em que nasci* é a chave de abertura para a possibilidade do exercício do afeto àqueles que também são *outsiders*; a empatia ocorre a partir do reconhecimento de si mesma como alheia e estranha à norma. É através desse ponto de partida que a protagonista consegue rastrear os que estão à margem, marcados, assim como ela própria, pelo deslocamento e pela ausência de normalidade, reconhecida a partir da própria corporeidade como nó indissolúvel à existência. Nas palavras de Lévinas, “a corporeidade de nosso corpo significa como a própria sensibilidade, um nó ou desenlace do ser: um nó que não pode ser desfeito” (LEVINAS apud BUTLER, 2015, p. 36).

A partir desse “nó que não pode ser desfeito”, toda a narrativa encaminha-se para a revelação final, quando a protagonista é surpreendida ao descobrir que não será possível realizar o transplante de córnea que finalmente possibilitaria a correção da sua “anormalidade”. Diante da impossibilidade de alterar o seu destino, o corpo aparece como resignado diante do infortúnio do destino. Esse é o momento em que todas as angústias anteriores da expectativa de alterar quem ela era a partir do seu próprio corpo são suprimidas, dando lugar ao processo de resignação, a partir do *retorno a si mesma* e, conseqüentemente, de seu próprio corpo. Nesse momento final, após passar três dias fazendo compras com a mãe, a protagonista visita a Galeria Nacional de Arte, e é através das obras de Picasso e de Braque que ela reconhece a possibilidade de haver beleza na desfiguração e no desequilíbrio, o que resulta na última expressão de aceitação do próprio corpo:

Nessa semana e meia aconteceu uma mudança importante em mim, embora não fosse perceptível e de maneira imediata. Meus olhos e minha visão continuaram sendo os mesmos, mas agora olhavam diferente. Afinal, depois de um longo périplo, decidi

10 “Eu a conhecia de vista e ia com a sua cara. Em várias ocasiões a tinha observado atravessar a rua com esse ar um pouco ausente que a caracterizava. Entretanto, posso dizer que essa noite a vi pela primeira vez, não da maneira diferente com que alguém pode observar o ir e vir dos vizinhos, mas sim de forma realmente atenta e com empatia” (NETTEL, 2013, p. 76).

11 “Chorava toda noite quando pensava em Yanina, no terrível que podia ser o sexo e no medo em sofrer algo parecido [...]. Yanina nunca mais voltou a ser a mesma. De uma menina sedutora e extremamente feminina, começou a refugiar-se em uma roupa larga e em uma cara de poucos amigos” (NETTEL, 2013, p. 38-39).

Mônica
Saldanha
Dalcol

Anselmo
Peres Alós

168

habitar o corpo em que tinha nascido com todas as suas particularidades. No final das contas era o único que me pertencia e me vinculava de forma tangível com o mundo, ao mesmo tempo em que me permitia distinguir-me dele (NETTEL, 2013, p. 212).

As passagens finais da escrita de Nettel confirmam a última exigência para que *O corpo em que nasci* configure o gênero literário “romance de formação” (*Bildungsroman*), através da resignação confirmada pela aceitação do próprio corpo feminino, que, apesar de todos os percalços, pode e deve ser habitado, já que ele é o único modo possível de o “eu” estar no mundo. Esse lugar de afetividade para consigo mesmo sinaliza que a própria *escrita de si* envolve também um *cuidado de si*. O que sobra desse “eu” após o processo de retorno a si mesmo? Esse “eu”, como visto anteriormente, é o resultado da crítica, primeiramente, da filosofia da representação e do estruturalismo, mas também de um eu totalmente “desnaturalizado”, como na proposta de Butler acerca do gênero: é somente através do corpo que o “eu” (a subjetividade) da protagonista é construído mediante as suas *performances* no divã.

Por fim, o romance de Guadalupe Nettel, *O corpo em que nasci*, demonstra o percurso árduo de uma menina para definir o seu próprio eu, não mais a partir de um abstrato, essencial, pensado sem corpo, mas a partir do que restou da pós-modernidade ou após a crítica de Nietzsche em sua célebre *Genealogia da moral*: “não existe tal substrato; não existe ser por trás do fazer, do atuar, do devir; ‘o agente’ é uma ficção acrescentada à ação – e a ação é tudo” (2004, p. 43). O romance de Nettel retrata os seres humanos atuando em um mundo marcado pela inconstância do devir, habitando o único lugar que restou para um “eu”: o próprio corpo em que nascemos.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Luciene Almeida. Autoficção e literatura contemporânea. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 12, 2008. p. 31-49.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. *Um é o outro*. São Paulo: Nova Fronteira, 2008.

A escrita de si através do corpo: O Corpo em que Nasci, de Guadalupe Nettel

169

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Mônica
Saldanha
Dalcol

_____. **Relatar a si mesmo**. Trad. Rogério Betonni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

Anselmo
Peres Alós

DOUBROVSKY, Serge. **Fils**. Paris: Grasset, 2012.

170

DUARTE, Constância Lima. Gênero e violência na literatura afro-brasileira. In: DUARTE, Constância Lima et alli. **Falas do outro: literatura, gênero, identidade**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010, p. 229-234.

GOETHE, Johann Wolfgang. **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**. São Paulo: Editora 34, 2006.

MARÍN, C. E. Cuerpo enfermo y cuerpo niña: una doble marca para la construcción de gênero. **Artifara**, n. 13, Università degli Studi di Torino: Dipartimento di Scienze Letterarie e Filologiche, 2013, p. 37-52. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5019145.pdf>>. Acesso em: 01 de ago. 2016.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MURDOCH, Iris. **The darkness of practical reason: existentialists and mystics**. London: Penguin, 1997.

NETTEL, Guadalupe. **O corpo em que nasci**. Trad. Ronaldo Bressane. São Paulo: Rocco, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. **A genealogia da moral**. Trad. Paulo César Lima de Costa. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

_____. **Ecce Homo**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro**: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

SCHMIDT, Rita. Centro e margens: notas sobre a historiografia literária. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, Brasília (UnB), n. 32, 2008, p. 127-141.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. São Paulo: EdUnesp, 2005.

*A escrita de
si através do
corpo: O Corpo
em que Nasci,
de Guadalupe
Nettel*

171

Recebido em fevereiro de 2018

Aceito em abril de 2018

